

A IMPORTÂNCIA DOS EXÉRCITOS

GILBERTO PROTÁSIO DOS REIS

Capitão da PMMG. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

Resumo: Analisa, quanto a seu significado para a era da globalização, os reflexos do mais marcante episódio da batalha entre os habitantes de Florença e Pisa, no século XV, de cuja lição se formou um dos principais temas do livro *O Príncipe*, de Maquiavel.

Palavras-chaves: globalização, importância dos exércitos.

Num momento em que o mundo respira globalização, o desafio de garantir a soberania e a preservação de fronteiras geográficas adquire conotações diferentes daquelas do tempo em que a Guerra Fria ditava o rumo e o ritmo da maioria dos acontecimentos políticos e econômicos do mundo. Apesar de os conflitos armados entre povos - as guerras - estarem hoje restritos praticamente a algumas regiões do Oriente Médio e da África, não parece ainda sensato afirmar que o clima predominante da paz mundial sobreviveria a uma total ausência dos Exércitos.

Esse preâmbulo contextual é válido para que se possa compreender a importância de que a soberania brasileira esteja sendo assegurada por Forças Militares, destacadamente pelos integrantes do Exército, que têm na figura de Duque de Caxias seu maior expoente.

Um breve retorno a um episódio ocorrido na Itália do século XV talvez ajude a ilustrar melhor esse raciocínio. Pode-se, neste caso, tomar como exemplo o contexto em que viveu um dos mais conhecidos e polêmicos pensadores que a humanidade já conheceu, lido por muitos e citado por muito poucos, devido ao estigma que recaiu sobre sua principal obra, intitulada *O Príncipe*.

Trata-se de Nicolau Maquiavel, nascido em Florença, a 3 de maio de 1469. Os historiadores não costumam deter-se na adolescência desse grande pensador, limitando-se a comentar as experiências que o levaram a escrever um manual para governantes, cujo título foi citado nas linhas anteriores, e que traz, dentre outras, reflexões de como assegurar a estabilidade e a soberania dos Estados.

Ao longo dos tempos, esse pequeno livro de Maquiavel tem sido lido e aplicado a ações negativas, daí resultando o adjetivo “maquiavélico” para qualificar pessoal de índole desleal. Contudo, não se deve atribuir ao autor os desvios praticados por aqueles que não souberam interpretá-lo. Interessa, neste caso, lembrar o que resultou na conclusão de Maquiavel sobre “*a necessidade de organização de uma milícia nacional, formada por soldados locais disciplinados*”.

O século XV chegava ao final. O panorama na Itália era de crise econômica e política. Não havia uma unidade nacional, pelo fato de que as cidades tinham *status* de países, ou seja, eram cidades-Estado, apesar das afinidades de idioma e outras características comuns que, alguns séculos depois, as levariam a se solidificarem num só país. Por causa dessa divisão, a Itália estava em franca desvantagem, se comparada a países como Espanha, Portugal e França, que já se encontravam mais bem estruturados política e economicamente.

O mundo ainda vivia o impacto da queda de Constantinopla, maior centro comercial da época, diante dos turcos, em 1453. Respirava-se também a euforia da descoberta do caminho marítimo para as Índias, ocorrida em 1498, como rota alternativa para se compensar o bloqueio de Constantinopla. Esse avanço garantiu a primazia de portugueses e espanhóis no comércio com o Oriente.

A fraqueza militar e política da Península Itálica, marcadamente no começo do século XVI, veio dificultar a expansão marítima e a acumulação de capital. Diante do fato de que as cidades italianas não estavam organizadas num único bloco e por isso não se comportavam no conjunto como país em pouco tempo duas delas, Florença e Pisa, entraram em conflito. A primeira detinha a supremacia militar na região, enquanto sua adversária era, como as demais cidades da Itália, apoiada por potências estrangeiras.

A lição que levou Maquiavel a refletir sobre a importância de uma força nacional militarizada e disciplinada foi extraída do mais forte episódio desse conflito: a condenação e execução do comandante das tropas florentinas, Paolo Vitelli, por não haver desferido o ataque final à cidade de Pisa, mesmo depois de vitórias significativas.

Às portas da comunidade considerada inimiga, negou-se a dizimá-la, talvez num momento de lucidez sobre as origens comuns que possuíam ele e seus adversários.

No julgamento, alegou razões de conveniência militar, negando todas as acusações de que teria se vendido aos pisanos. Em meio a protestos contra a condenação, foi executado. O fato teve grande repercussão. E motivou, pela primeira vez, um dos temas constantes da obra *O Príncipe*, de Maquiavel: a necessidade de organização de uma força militar nacional, constituída por soldados locais disciplinados, para garantir a soberania política do país. Para ele, essa era a única alternativa, que seria assegurada por militares leais e convictos de estarem lutando pela causa da pátria.

O fim dos conflitos internos da Itália e a conseqüente unificação das cidades-Estado, para torná-la um país forte e soberano – sonho que Maquiavel acentuou durante toda sua vida – só ocorreu muito depois da morte do polêmico estudioso florentino. No entanto, a lúcida reflexão dessa célebre figura do pensamento universal permanece atualíssima, mesmo às portas do terceiro milênio, num mundo em que ganham força políticas de desarmamento das superpotências, e em que parece cada vez mais remota a possibilidade da eclosão do terceiro conflito bélico em proporções mundiais.

Não é a onda de tranqüilidade que garante a paz. Pelo menos, não ainda. De modo análogo, no campo da Segurança Pública, se o delito não ocorre, é precipitado afirmar-se que deixou de acontecer porque naquele dia o delinqüente esta indisposto. Guerras bastante recentes, se consideradas no contexto das que a humanidade já viveu – como a das Ilhas Malvinas, do Golfo Pérsico, as do Oriente Médio e a de Angola, na África, para onde foram deslocadas forças da ONU, inclusive com a participação de integrantes da Polícia Militar de Minas Gerais – demonstram que ainda é cedo para se falar em paz irrestrita no planeta.

Daí a importância dos exércitos, não para que tropas sejam mandadas à batalha, mas para que os povos não se vejam tão sujeitos às loucuras de líderes irresponsáveis, como Adolph Hitler, Mussolini e Saddam Hussein. Para aqueles que não acreditam no poder do diálogo como inteligente solucionador de conflitos, os exércitos – quando empregados conscientemente – podem funcionar, no mínimo, como dissuasores de desrespeitos à soberania de outras nações.

Obviamente, países como o Brasil cabem nesse raciocínio. Seu Exército – lembre-se de que na época de Maquiavel não havia ainda consolidadas forças aéreas nem marítimas, o que permite entender-se o vocábulo no sentido amplo – atua na preservação dos limites geográficos, defendendo o Brasil, garantin-

do-lhe a ordem interna nos casos previstos constitucionalmente, apoiando decisões do Governo Federal, comportando-se, em síntese, como a força leal e disciplinada a que Maquiavel tão sabiamente se referiu e classificou como *imprescindível*.

Abstract: The importance of armies

*This is an analysis of the consequences of the most remarkable episode of the battle between the population of Florence and that of Pisa, in the 15th century, which gave origin to one of major themes of Machiavel's **The prince**, as to its meaning in the age of globalization.*

Key words: *globalization, importance of the army.*

Referência Bibliográfica

XAVIER, Lúcio. (Trad.). *Nicolau Maquiavel: Vida e Obra*. São Paulo: Nova Cultural, 10 ed. 1996, 287 p.